



A esfinge de Itajubá: agruras políticas na gestão presidencial de Wenceslau Brás (1914)

Ulisses Neves Rafael (UFSE)



O MOMENTO POLITICO



Dr. Wenceslau Braz e os membros da *Junta Pro-Hermes-Wenceslau*, que foram leval'o a Belo Horizonte. Último retrato do Dr. Wenceslau Braz, candidato da Convenção de 22 de Maio. (ph. O. Belém).

Fon-Fon de 12.2.1910, p. 11. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

As notícias da época dão conta de que o pleito eleitoral que elegeu Hermes da Fonseca em 1910 transcorreu em meio a grande agitação política – tanto quanto o seu mandato presidencial, que se estendeu até 1914. A dificuldade de manutenção da ordem pública seria a tônica dessa gestão na qual Wenceslau Brás figurava como vice-presidente e, por força deste cargo, como presidente do Senado Federal.


A chapa formada pelos dois magistrados eleitos para presidir a nação irá representar suposta dissidência entre os grupos oligárquicos até então hegemônicos, embora apenas ilustre um dos tantos rearranjos na chamada *política do café com leite*, que até 1930 alternaria no poder integrantes dos partidos Republicano Mineiro (PRM) e Republicano Paulista (PRP). A campanha também representará o retorno dos militares à cena política, representados pela própria figura do presidente eleito, o qual estenderá o eixo de domínio político-geográfico no país para o extremo sul.

Hermes da Fonseca almejou renovação dos costumes com a implantação do chamado *militarismo antioligárquico*, que pretendia varrer do mapa do país todas as oligarquias reinantes, o que de certo modo acabou acontecendo, mas por intermédio do movimento salvacionista (1910-1914), que atingiu principalmente grupos familiares no Nordeste. Embora, a princípio, o fim das oligarquias fosse um projeto político do governo federal, foi a participação popular que deu cabo ou pelo menos pretendeu acabar com a *república oligárquica clássica*.



O MALHO


QUATRIENNO DE 1910 A 1914
OS PRIMEIROS MAGISTRADOS DA NAÇÃO



MARECHAL
HERMES RODRIGUES DA FONSECA

PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL

Nasceu na cidade de S. Gabriel Estado do Rio Grande do Sul, a 12 de Maio de 1855.



DOCTOR
WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Nasceu em S. Caetano, municipio de Itajubá, Estado de Minas Geraes, em 1868.

O marechal Hermes da Fonseca ao inaugurar o seu governo, dirigiu à Nação um excellent manifesto no qual condensa todo o seu programma, encarando resolutamente todas as questões de ordem administrativa.

D'esse notavel documento destacamos, em resumo, o principio e o fim, exactamente por encerrarem pontos de vista geraes, trayando a esphera dentro da qual o presidente da Republica agirá no sentido de fazer progredir o paiz em todos os ramos da administração publico.

Elis esses interessantes apinhados:

O marechal Hermes principia citando facto o de, em 20 annos de regimen, não ter ainda subido à presidencia da Republica pessoa alguma em condições tão especiaes e com maiores responsabilidades.

Referindo-se ás circumstancias que cercaram a sua eleição, diz, cu vem de uma lucta extremalissima, em que, pela primeira vez, de partou o espirito civico, em prêmio pacifico.

Assigna ainda que até então os chefes de Estado têm sido eleitos sem lucta, não pela unanimidade da vontade nacional, mas porque ella se desinteressava dos pleitos electoraes, c-oquecia dos seus deveres civicos, preferindo assistir indifferente á ascensão ao poder dos individuos, pelos interesses partidarios do momento.

Assim, estes magistrados assumiam o poder sem resentimentos. D'isto conclue que, se especiaes são as circumstancias em que assume o poder, maiores e mais graves são as responsabilidades que lhe pesam sobre os hombros, assumindo o seu posto.

Affirma, em seguida, que o povo brasileiro pôde ficar tranquillo; será digno do modo com que a Nação o honrou, compromettendo-se a cumprir firme e lealmente os encargos que lhe impõe a sua investidura.

Sobre no governo de animo sereno, sem paixões, com o proposito de cumprir a Constituição e as leis, não se afastando nunca da justiça e da legalidade, votando todo o respeito a todos os direitos e liberdades.

Assim, fará um governo da lei, estando disposto a ser inflexivel dentro d'ella, pois não pode haver Republica onde não haja o dominio das leis.

Declara-se «subdito da lei», e superior ás paixões, bem como aos interesses collectivos ou individuaes, como mandatario da Nação, abnegado e sollicito servidor do povo brasileiro.

A sua função de soldado não concorre para divorcial-o dos principios republicanos, nem dos interesses do paiz. No seu governo não se elevara o sol do cesarismo, havendo de ver firmar-se de uma vez a mais civil das Republicas, com a abrogação dos habitos e praticas adversas ao regimen.

Os seus esforços convergirão para o escopo do progresso moral e material do paiz.

Entra o manifesto na sua ultima parte, affirmando o Sr. Marechal Hermes que não é dos que pensam que a administração deva derivar-se da politica, entendendo que esta não deve preterir aquella.

Acha que o Presidente não se deve arvorar em director de politica nacional: é a Nação, e não elle, quem faz politica. Entretanto, como nenhum Governo pôde fugir de apoiar-se em forças politicas, governará com o partido que o elegera.

Isto não exclue, entretanto, o dever que tem de fazer justiça a todos e de pautar os seus actos pela directriz do bem publico.

Termina declarando que não fraqueará deante da critica injusta ou interessada, mas será docil ás injunções legitimas e justificadas e, esforçando-se por promover o bem da Patria, terá cumprido o seu dever e tranquilla a consciencia.

Neste texto publicado n' *O Malho* de 19.11.1910, foi apresentado o manifesto da chapa Hermes da Fonseca – Wenceslau Brás. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Apesar do período conturbado, a participação de Wenceslau Brás como vice-presidente é apontada pela imprensa carioca como a mais anódina já vista, motivo até de charges constantes, nas quais se destaca o “espírito aldeão” e o caráter circunspecto do “solitário de Itajubá”, como era conhecido o vice-presidente eleito. Suas maneiras e temperamento ocuparam por muito tempo os espíritos ávidos pela dinamicidade e pelo cosmopolitismo anunciados pelo advento da República, sobretudo no Rio de Janeiro, capital cultural do Brasil na *belle époque*.

O MOMENTO POLITICO



Os Drs. Wencesláu Braz (á esquerda) e Urbano dos Santos, candidatos do Partido Republicano Conservador á Presidencia e vice-Presidencia da Republica, no proximo quadriennio 1914-1918.

Fotografia publicada na *Fon-Fon* de 20.12.1913 retratando os candidatos à presidência e vice-presidência. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



O Malho de 26.2.1916, ano 15, nº 702, capa. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

A disputa eleitoral que, em 1914, conduziria Wenceslau Brás ao cargo presidencial foi resultado de arranjos prévios e de negociações nada pacíficas, comuns no sistema representativo da Primeira República e que tinham sido a tônica da conturbada gestão do seu antecessor. A indicação do vice-presidente para aquelas eleições fora a solução encontrada no disputado processo de sucessão, que resultara, inicialmente, de um veto à candidatura do General Pinheiro Machado, líder gaúcho e principal articulador do governo de Hermes da Fonseca, cuja chapa era ainda composta pelo também Senador Bueno Brandão, líder mineiro, e sustentada pelo Partido Republicano Conservador. Entretanto, a indisposição de Minas Gerais em apoiar o líder gaúcho, juntamente com a posição de São Paulo, foi acompanhada por Pernambuco, Bahia, Pará, Alagoas e Paraná. A candidatura de Pinheiro dividia as oligarquias estaduais ainda sobreviventes. No Rio de Janeiro, por exemplo, embora Nilo Peçanha o apoiasse oficialmente, o Presidente do Estado, Oliveira Botelho, posicionava-se contra a chapa Pinheiro/Bueno. Sentindo-se rejeitado, Pinheiro Machado sugeriu como alternativa ao seu nome o de Rui Barbosa, que prontamente rejeitou a oferta. Sem o apoio político necessário, em meados de 1913 a chapa Pinheiro/Bueno é retirada definitivamente. A alternativa foi lançar o nome do ex-Presidente Campos Salles. Apoiado pelo Rio Grande do Sul, o seu nome foi hostilizado por vários estados (Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro) e dividia o Estado de Minas Gerais. Enquanto isso, a oposição se organizava novamente em torno da figura de Rui Barbosa. Tendo em vista o perigo de outra eleição disputada, o nome de Wenceslau Brás surgiu como uma solução conciliadora. A chancela final da chapa se deu com a incorporação do nome de Urbano dos Santos, membro do Partido Republicano Conservador e candidato a vice.

Assim, em 1º de março de 1914, Wenceslau Brás foi eleito Presidente da República para governar o quadriênio 1914-1918, um período ainda mais turbulento do que o anterior. Primeiro pela continuidade dos conflitos armados na área de disputa situada na fronteira dos Estados do Paraná e de Santa Catarina. A Guerra do Contestado, deflagrada em 1912, decorreu da revolta popular encampada por antigos moradores da região, muitos dos quais eram posseiros de terras devolutas que foram concedidas à Brazil Railway Company para construção do ramal ferroviário

Fundou-se hontem a Liga Pró Saneamento do Brasil

Conforme estava anunciado, realizou-se, hontem á tarde, na Sociedade Nacional de Agricultura, a sessão de instalação da Liga Pró Saneamento, uma nova associação, que como o seu nome indica, virá prestar grandes serviços á nossa sociedade.

Aberta a sessão, o sr. Belisário Penna, submetteu á aprovação da assembléa a escolha do nome que qeveria presidil-a, sendo escolhido então o do dr. Carlos Chagas.

Tendo porém o dr. Carlos Chagas se ausentado momentos antes, presidiu a sessão o dr. Juliano Moreira, vice-presidente aclamado.

Foram lidos então varios telegramas de excusa.

Em seguida usou da palavra o dr. Belisario Penna, que fez um longo estudo da vida do dr. Oswaldo Cruz, concluindo pela apresentação das idéas que presidiram a fundação da Liga: são idéas de propaganda a favor do saneamento do Brasil, propaganda oral, escripta e gratuita. Originou-se da publicação de um livro onde se compendiam os artigos feitos pelo orador quando foi do alarma vibrado pelo dr. Miguel Pereira, daquelle phrase do “Brasil, immenso hospital”. Os editores não queriam imprimir o livro. Dois mocos, porém, cheios de preoccupações pelo estado sanitario do paiz — conta o orador — se offereceram a mandar imprimir o livro, tirando parte dos lucros para a fundação de uma liga nas condições da que se installava. Era este o germen de tudo. As ultimas phrases do orador foram de invocação á memoria de Oswaldo Cruz, invocação commovente de discipulo, que sente a obra do mestre imperecedora e disposto a tudo sacrificar, como os seus condiscipulos, pelo desenvolvimento da acção do grande sabio, pela realização do sonho de um Brasil livre dos males que depauperam e anniquilam tantos de seus filhos, do sonho que foi o grande sonho delie durante toda a sua vida de glórias. Dis-se e foi muito applaudido, tendo depois a palavra o sr. Plinio Cavalcanti, que secretariava a mesa, ao lado do sr. Juliano Moreira. O sr. Plinio Cavalcanti fez um discurso entusiastico, pregando o alevantamento da raça e comparando a luta pelo saneamento do Brasil á campanha da abolição de 88, por isso que s. s. defendeu com fervor a abolição dos papulos e dos idiotas, mostrando-se confiante na acção da mocidade e no auxilio dos grandes e dos humildes, e dizendo que precisamos ser uma raça sadia e linda, que só se ama o que é bello e que é preciso se promover a redempção da mulher pela hygiene. O orador ao terminar foi muito applaudido.

Não havendo mais oradores, o sr. Juliano Moreira, suspendeu a sessão, devendo ser convocada uma nova assembléa para a aprovação de estatutos.

O período pós-guerra desencadeou no Brasil, como em outras partes do mundo, a atuação de movimentos de caráter nacionalista e que aqui especificamente, traduz-se, por um lado, no recrutamento militar obrigatório e, por outro, na campanha pelo saneamento rural, segundo a qual, a consolidação do projeto de nação, passaria fundamentalmente pela atenção à saúde, principalmente voltada para o atendimento das populações esquecidas dos sertões brasileiros.

A Liga Pró-Saneamento mobiliza importantes setores das elites intelectuais e políticas nacionais, parte da qual se engaja diretamente na expedição científica que percorreu algumas das mais recônditas regiões do país, resultando na importante obra intitulada *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Pará e de Norte a Sul de Goiás*, organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz e publicada em 1912. O relatório da missão médica trouxe preciosas informações sobre o clima, a fauna, a flora, mas, principalmente, sobre as doenças que afetavam o homem interiorano, abandonado e esquecido pelos projetos de integração nacional. Curioso notar, porém, que embora o relatório reclamasse medidas efetivamente integrativas – como a criação de um Ministério da Saúde Pública, capaz de produzir um real sentimento de pertencimento e identidade nacional entre essas populações abandonadas –, o fato é que sua divulgação na imprensa carioca coincidiu com a epidemia de gripe espanhola que atingiu de forma implacável a capital federal no final de 1918. Aliás, trata-se da mesma *influenza* que atingiu os integrantes da missão médica, única divisão naval brasileira enviada para a Europa no período da Primeira Guerra Mundial.

Notícia publicada n' *O Imparcial* de 12.2.1918, p. 3, anunciando a criação da Liga Pró Saneamento. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

A gripe espanhola talvez tenha sido o mais notório legado deixado pelo Presidente Wenceslau Brás ao seu sucessor, quando encerrou seu mandato em 15 de novembro de 1918.

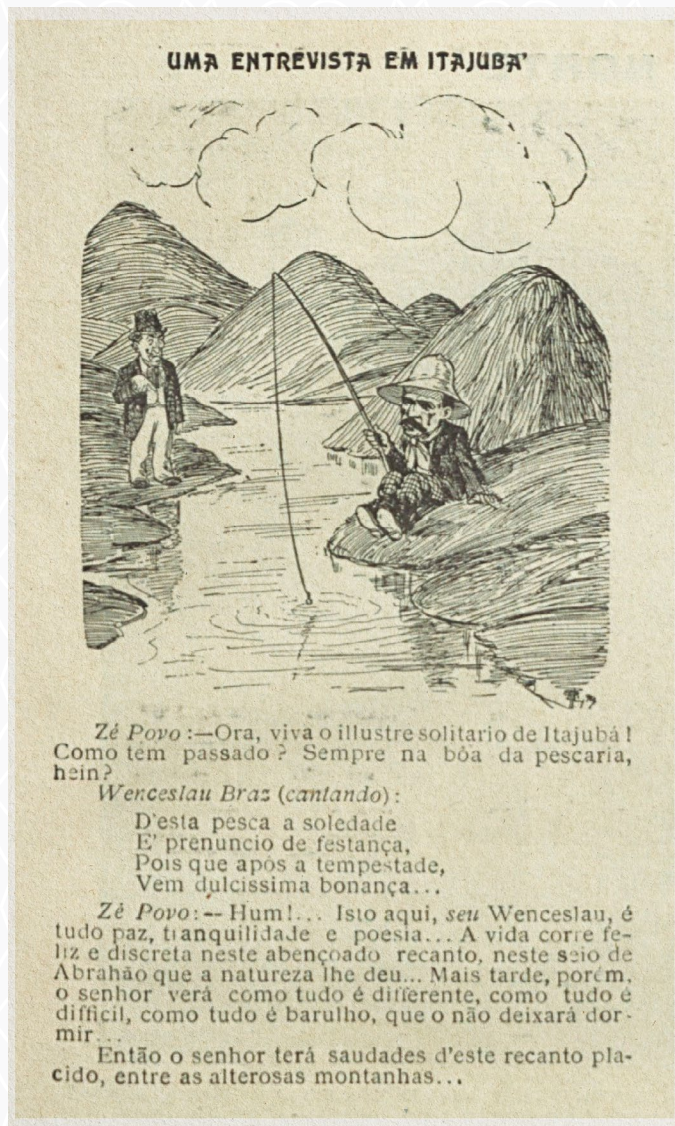
O quadriênio cumprido pelo acanhado presidente não se notabilizou por qualquer traço forte, motivo pelo qual foi objeto de insistentes registros cômicos na imprensa, por meio de charges, caricaturas e crônicas, em que se destacavam as referências à personalidade tacanha e reclusa da “esfinge de Itajubá”.

Tais representações são reveladoras da tendência da época que colocava, de um lado da contenda, a elite ilustrada formada por intelectuais, jornalistas e escritores, os quais defendiam de forma quase obsessiva o progresso e o cosmopolitismo da nação; e, de outro, os arcaísmo e conservadorismos representados pelo “mineirismo” tacanho do presidente e de seus asseclas, objeto principal da chacota:

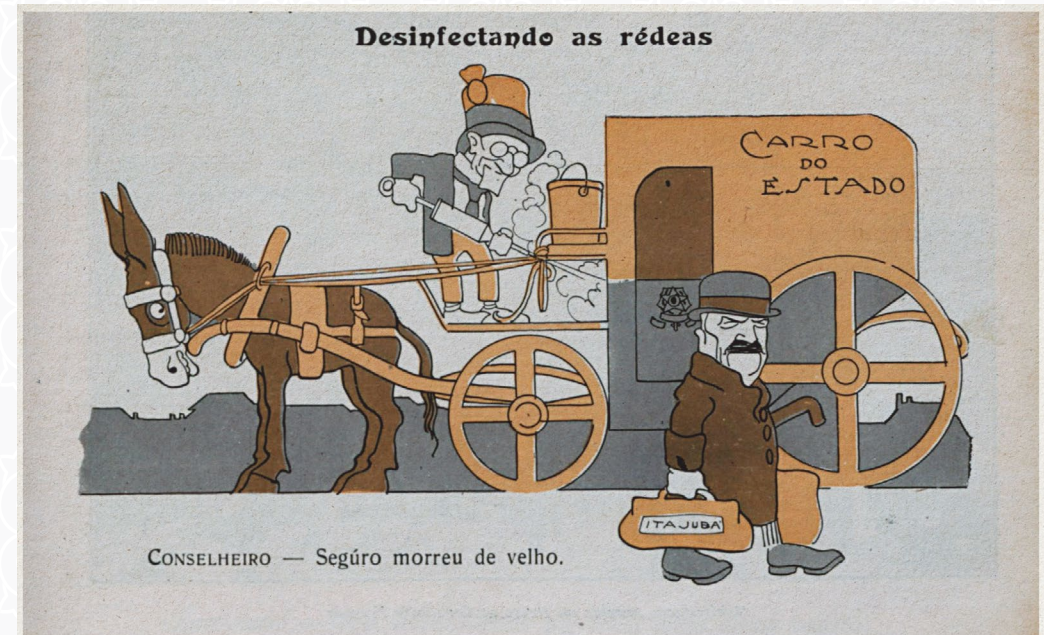
Nenhum cidadão o viu jamais de cigarro na boca; V. não jogava; nas inaugurações festivas a sua taça de *champagne* ficava sempre cheia; nas alegres partidas ao ar livre, em dias de *match* de *football*, ou por ocasião do *grand-prix*, V. não desfazia jamais o vinco severo, entre as sobancelhas. Era o que se chama, em Minas, um emburrado [...]. C. não era um chefe de Estado: era um asceta feroz que jejuava, rezava o terço antes de dormir, ouvia missa e cumpria preceitos. [...] Faltava-lhe tudo, decisão, largueza de vistas, conhecimento dos factos, confiança em si próprio e até essa alegria de viver, que é um dom dos deuses [...] V. vivia no Catete, como um ermitão, nostálgico da sua modéstia, da sua pescaria – sei lá! – hesitando, sempre, sempre a consultar os velhos tabaréus de minas, desconfiado de que o “embrulhavam”, temendo o contato com os espíritos superiores e cintilantes. (*Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, 21 nov. 1918).

Não obstante às atribulações do período, Wenceslau Brás encerra seu mandato tendo lidado com tais intempéries de forma acanhada e tímida. Para muitos jornalistas e escritores da época, sua gestão não se notabilizou por qualquer traço mais forte. Suas falhas, sua mediocridade intelectual e sua ausência

de cultura literária ganharam maior destaque na crônica da época, de modo que, embora não pudesse ser lembrado pela competência de sua administração, seu acanhamento foi imortalizado nas representações caricaturais dos principais jornais cariocas do período.



O Malho de 9.8.1913, Rio de Janeiro, ano 12, nº 569, p. 25. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



A *Careta* de 16.11.1918, p. 11. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



Sugestões de leitura

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: República: memórias (1889-1950)*. Rio de Janeiro: Le Ya, 2017, v. 3.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. *Raça, Ciência e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 23-40, 1996.

NEDELL, Jeffrey D.; NOGUEIRA, César. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Flávia Borges. *Salvações no Nordeste: política e participação popular*. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República brasileira. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil 3. República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. O sistema oligárquico representativo da Primeira República. Dados: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, p. 9-37, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VALENTINI, Delmir José. *Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado: 1906–1916*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VISCARDI, Cláudia. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

